



Resumo da semana (Semana 35)

Nossa visão semanal dos principais acontecimentos nos mercados financeiros e nas economias pergunta se a desaceleração do mercado de trabalho dos EUA pode levar o Fed a tomar medidas mais radicais.

Apesar da turbulência que caracterizou a maior parte de agosto, o balanço patrimonial será favorável para os investidores, principalmente aqueles que investem em títulos de renda fixa. Os rendimentos dos títulos públicos caíram, liderados pelos títulos de curto prazo, já que a flexibilização da política monetária nos EUA foi praticamente confirmada em 23 de agosto no Simpósio de Política Econômica de Jackson Hole.

O spread entre os títulos do governo dos EUA de 2 e 10 anos está agora em apenas -5 pontos-base (pb), diminuindo em relação a uma inversão de -50 pb em junho. Os mercados de crédito corporativo se beneficiaram dos rendimentos mais baixos dos títulos do governo, dos fluxos de capital e da oferta sazonalmente baixa, resultando em spreads mais apertados. O crédito de alto rendimento dos mercados emergentes agora rende +9,6% no acumulado do ano.

Os preços do petróleo permaneceram dentro de uma faixa, com o risco geopolítico e a atividade econômica global se compensando mutuamente. Enquanto isso, o ouro atingiu novos máximos em agosto, lembrando-nos de que nem tudo no mundo está equilibrado.

A maioria dos mercados acionários está em território positivo, com o Índice Hang Seng de Hong Kong apresentando o melhor desempenho, impulsionado pela especulação de que as autoridades chinesas podem permitir que os proprietários de imóveis refinanciem até US\$ 5,4 trilhões em hipotecas para reduzir os custos de empréstimos, o que poderia impulsionar o consumo doméstico, mas às custas da lucratividade dos bancos estatais.

No Japão, o índice de referência Nikkei foi o epicentro da volatilidade do mercado no início de agosto. Porém, depois de cair 17% em um determinado momento, ele encerrou o mês com uma queda de apenas 1% em relação ao seu nível inicial. Na Europa, as ações espanholas lideraram o caminho, enquanto nas Américas, o Ibovespa do Brasil teve um desempenho superior.

Dependência de dados

Durante todo o ano, os bancos centrais de todo o mundo insistiram que as decisões políticas dependiam dos dados. Assim, as atualizações dos preços ao consumidor divulgadas na última semana de cada mês foram observadas de perto pelos investidores em busca de pistas sobre possíveis mudanças nas políticas.



Depois de assustar os mercados com um aumento surpreendente da taxa de juros no final de julho, o Banco do Japão (BoJ) vai querer evitar causar mais confusão nos próximos meses. Entretanto, os dados mais recentes sobre a inflação divulgados na semana passada colocaram essa suposição à prova, com o índice de preços ao consumidor de Tóquio aumentando 2,6% em termos anuais em agosto, em comparação com 2,2% em julho, acima das expectativas do consenso.

Um efeito de base devido aos preços mais baixos da energia há 12 meses contribuiu para esse aumento, mas o relatório também mostrou que um iene fraco e o aumento dos custos de mão de obra estão por trás de um aumento generalizado dos preços. Estão aumentando as especulações de que o BoJ poderá ser forçado a apertar ainda mais a política em outubro se essas tendências continuarem.

A situação é mais clara na zona do euro, onde a inflação caiu para seu nível mais baixo desde meados de 2021. Os preços ao consumidor aumentaram 2,2% no comparativo anual em agosto, bem abaixo dos 2,6% registrados em julho e em linha com o consenso. Isso deve dar ao Banco Central Europeu (BCE) o sinal verde para um novo corte de 25 pontos-base nas taxas básicas em setembro. A questão agora na mente dos investidores é se o BCE reduzirá as taxas duas ou três vezes este ano, com o mercado de swap de taxa de juros overnight atualmente precificando uma redução de 62 pontos-base.

Os mercados estão aguardando um movimento importante do Fed

Nos Estados Unidos, duas outras conclusões podem ser tiradas da conferência de Jackson Hole, além do anúncio do Sr. Powell de um corte na taxa básica de juros na reunião de setembro do Comitê Federal de Mercado Aberto (FOMC). A primeira é que as prioridades do Fed mudaram da manutenção da estabilidade de preços para a promoção do emprego máximo, conforme ilustrado pela declaração de Powell: “Não estamos procurando e não vemos com bons olhos um novo esfriamento das condições do mercado de trabalho”.

As crescentes preocupações com o mercado de trabalho podem reduzir a atenção ao indicador de inflação preferido do Fed, o índice de preços de Despesas de Consumo Pessoal (PCE). Apesar disso, o Fed deve ter se animado com os dados de julho, já que a inflação geral e a inflação subjacente se mantiveram estáveis em 2,5% e 2,6% em relação ao ano anterior, respectivamente[6]. Em uma base anualizada de três meses, o índice PCE subjacente, que muitos economistas consideram o reflexo mais preciso da trajetória da inflação, desacelerou para 1,7%, ante 2,1% em junho. Esse foi o aumento de preços mais lento do ano.

A segunda conclusão é que a porta parece ter sido deixada aberta para um corte de 50 pontos-base na taxa de juros em setembro, com o mercado de swap de taxa de juros overnight atualmente precificando uma probabilidade de 61% de tal



movimento. Embora o Fed tenha anunciado um corte de 25 pontos-base, um relatório de folha de pagamento não agrícola mais fraco em 6 de setembro poderia levar os investidores a considerar um corte de 50 pontos-base na reunião do FOMC em 17 e 18 de setembro. Qualquer que seja a decisão do Fed, a reação do mercado falará muito sobre o sentimento dos investidores.

Isenção de responsabilidade:

A DC Advisory emite este relatório apenas como informação geral, sem levar em conta as circunstâncias, necessidades ou objetivos de qualquer um de seus leitores. Os leitores devem considerar a adequação de qualquer recomendação, previsão ou outra informação à sua situação individual e consultar seu consultor de investimentos.

As visões e opiniões expressas neste documento refletem as visões dos autores do conteúdo na data das publicações e estão sujeitas a alterações com base no mercado e em outras condições. Qualquer referência a títulos, setores, regiões e/ou países é apenas para fins ilustrativos. O valor dos investimentos e a renda proveniente deles podem aumentar ou diminuir. As flutuações da taxa de câmbio podem fazer com que o valor dos investimentos em moedas estrangeiras aumente ou diminua.

A DC Advisory não será, nem seus funcionários, associados ou agentes, responsável por qualquer perda decorrente de qualquer investimento baseado em qualquer recomendação, previsão ou outra informação aqui contida. O conteúdo desta publicação não deve ser interpretado como uma promessa, garantia ou implicação, expressa ou implícita, de que as informações de previsão se concretizarão, de que os leitores lucrarão com as estratégias aqui contidas ou de que as perdas relacionadas a elas poderão ou serão limitadas. Qualquer investimento de acordo com as recomendações em uma análise pode ser arriscado e pode resultar em perdas, especialmente se as condições ou suposições usadas para a previsão ou mencionadas na análise não se concretizarem conforme o previsto e a previsão não for realizada.

A DC Advisory utiliza provedores de dados de informações financeiras e as informações de tais provedores podem formar a base para uma análise. Os dados coletados de terceiros são fornecidos sem qualquer tipo de garantia. A DC Advisory e o Provedor de Dados não assumem nenhuma responsabilidade em relação aos Dados de Terceiros e não aceitam nenhuma responsabilidade pela precisão ou integridade de qualquer informação aqui contida.

O desempenho passado não é indicativo de desempenho futuro e pode não se repetir.

20240903 © DC Advisory